

Conselho Indigenista Missionário-CIMI  
Regional Acre  
Setor de Educação  
Rio Branco-AC

CEDI - P. I. B.
DATA 02 09/86
CC: KVDIF

RELATÓRIO DO I CURSO DE FORMAÇÃO DE MONITORES KULINA

Rio Branco-AC, fevereiro de 1986

## ÍNDICE

1- Introdução.....	p. 1
2- Objetivos do curso.....	p. 2
3- Participantes.....	p. 3
4- Assessoria.....	p. 4
5- Temas abordados.....	p. 6
6- Ortografia e caligrafia.....	p. 6
Programa de matemática.....	p. 8
Legislação e estrutura sócio-política do Brasil.....	p. 9
Noções de saúde e higiene.....	p. 9
Noções de geografia e história.....	p. 11
Noções de etno-história regional.....	p. 11
6- Atividades extra-curriculares.....	p. 12
7- Serviços prestados durante o curso.....	p. 13
8- Produção de material didático.....	p. 14
9- Continuidade.....	p. 15
10- Avaliação dos monitores.....	p. 16
11- Avaliação dos assessores.....	p. 17

## 1- INTRODUÇÃO

Foi a desestruturação e a perda gradativa de sua autonomia, consequências do contato com não-índios no último quartel do sec. passado e início deste, que causou a premente necessidade de um plano educacional entre os Kulina. Essa iniciativa visava criar um espaço onde as necessidades criadas pelo pós-contato, a memória cultural do grupo e a relação da aldeia com o seu exterior, política, econômica e culturalmente, fosse pensada, discutida e buscada soluções. Esse espaço poderia ser a escola e a escrita poderia ser o veículo que viabilizaria esse processo. Dessa forma o CIMI iniciou as primeiras experiências em alfabetização com o grupo Kulina no Alto Purus-AC em 1976. Posteriormente(1979), uma outra experiência teve início no Igarapé do Anjo, Rio Envira-AC e, a mais recente, no Igarapé Preto, Médio Juruá-AM(1983).

Passada a etapa de alfabetização na língua materna e dado ao reduzido número de agentes do CIMI que atuam entre os Kulina, pensou-se que se a própria comunidade assumisse a tarefa de alfabetização o CIMI estaria favorecendo esse povo a ser agente de seu próprio processo de aprendizado, já que a escola serve também como LOCUS de reavivamento da memória cultural e histórica do povo Kulina; Elaboração de textos, mitos e ilustrações que possibilitaram a produção de seu próprio material pedagógico ao longo das experiências aqui citadas, confirmam o papel da escola como esse espaço pretendido.

A necessidade de formar indivíduos já alfabetizados para assumirem tal tarefa veio de encontro às reivindicações das lideranças Kulina reunidas no III Encontro de Lideranças Kulina, realizado em julho passado no Ig. Preto, Médio Juruá-AM. Para que essa etapa seguinte fosse encaminhada, o CIMI planejou o I Curso de Formação de Monitores para Alfabetização em Língua Kulina.

A OXFAM, AMA e CNBB tornaram possível a realização do curso, que ocorreu no município de Plácido de Castro-AC no período de 23/11 a 22/12/85, através de ajuda financeira para manutenção dos assessores, transporte dos participantes, alimentação, estadia e gastos diversos.

## 2- OBJETIVOS DO CURSO

Diversos organismos atuaram até o momento entre os Kulina do vale do Juruá e do Purus: O SIL (Summer Institute of Linguistic), M.N.T (Missão Novas Tribos do Brasil), I.E.C.L.B (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), Prefeitura Municipal de Envira e CIMI (Conselho Indigenista Missionário).

Dada essa diversidade de organismos e, portanto, diferentes tipos de atuação, o processo educacional dos Kulina resultou, ao longo de muitos anos, em experiências assistemáticas e fragmentadas.

Os estudos lingüísticos do SIL e da MNT divergem quanto à ortografia estabelecida para a língua Kulina. E um dos objetivos do curso era reunir alfabetizados das duas ortografias e juntos estabelecermos uma unificação ortográfica para facilitar a produção de materiais pedagógicos e outros escritos na língua Kulina.

Estando os monitores ainda na fase de pós-alfabetização, o curso deveria ser um momento onde levantaríamos outras dificuldades no tocante à caligrafia, gramática, aritmética, técnicas pedagógicas, noções básicas de saúde e higiene, geografia e etno-história regionais e conhecimento da estrutura sócio-política nacional. Prevemos também a produção de um material pedagógico, elaborado em conjunto (assessoria/alunos) que servisse de material de apoio nas escolas onde atuariam posteriormente.

### 3- PARTICIPANTES

Os futuros monitores foram escolhidos previamente pelas suas respectivas comunidades, salvaguardando alguns critérios que o próprio curso exigia, como: a. O futuro monitor deveria ter domínio de leitura e escrita na língua materna.

b. Deveria estar pré-disposto a exercer atividade como monitor de alfabetização, mesmo que de maneira informal, dentro de sua comunidade.

c. Que fosse apontado pelo consenso da comunidade evitando favorecer facções políticas dentro da aldeia.

O curso de formação de monitores reuniu 14(quatorze) representantes de 11(onze) aldeias, localizadas nas bacias do Juruá e do Purus, conforme listagem abaixo.

Cabama - Aldeia San Bernardo, Alto Purus-Perú

Tinija - Ig. Baú, Rio Juruá-AM

Dojo - Rio Eirú-AM

Cosohui - Ig. Preto, Juruá-AM

Tóroso - Ig. Preto, Juruá-AM

Toneti - Ig. Iari, Juruá-AM

Ahuano - Marcanaus, Alto Purus-AC

Mapi - Santo Amaro, Alto Purus-AC

Mia - Santo Amaro, Alto Purus-AC

Dsodse - Santa Júlia, Alto Purus-AC

Noba - Sobral, Alto Purus-AC

Isamani - Ig. do Anjo, Rio Envira-AC

Rijo - Cacao, Rio Tarauacá-AM

Huarama - Cacao, Rio Tarauacá-AM

#### 4- ASSESSORIA

No assessoramento desse primeiro curso os alunos tiveram:

1. Abel Kanaú - Atua há sete anos entre os Kulina; É autor da cartilha de alfabetização em língua Kulina-Iccá Huahua-, copilou e organizou o livro de textos e mitos Madijadenicca Ima, com tradução para o português e co-autor com Ruth Monserrat do Dicionário Kulina-Português - Português-Kulina e da Gramática da língua Kulina. Durante o curso foi o responsável pela parte de caligrafia, ortografia e uso de empréstimos da língua portuguesa no idioma Kulina.
2. Rubens Monteiro - Membro do CIMI, atua há três anos entre os Kulina. É o organizador do livro Ajitinicca Ima 'Histórias da aldeia Ajitini'-livro de textos produzidos na escola daquela aldeia- em fase de impressão. Foi o responsável pelo ensino da matemática durante o curso.
3. Roberto Zwetsch - Atua entre os Kulina do alto Purus há cinco anos pela IECLB. Organizou o livro Maronahuacededenicca Ima 'Histórias dos Kulina de Maronaua' produzido pelos alfabetizados dessa aldeia. Administrou as aulas de legislação e organização sócio-política nacional.
4. Walter Sass - Atua entre os Kulina do vale do Juruá há um ano. Assumiu durante o curso as atividades extra-curriculares com os monitores e atividades de lazer. Pertence à IECLB.
5. Lori Altmann - Membro da IECLB, desenvolve atividades de alfabetização com as mulheres da aldeia de Maronaua no alto Purus há cinco anos. Foi a responsável pelas aulas de noções de saúde e higiene.

7. Fátima Almeida - Licenciada em história pela Universidade Federal do Acre e membro da Comissão Pró-Índio-AC. Assessorou os alunos do curso no estudo etno-histórico regional.

8- Ruth Monserrat - Linguísta da Universidade Federal do Rio de Janeiro e co-autora do dicionário e gramática da língua Kulina com Abel Kanaú. Junto com este e os alunos do curso estabeleceram as regras gramaticais ainda não fixadas na gramática (em fase de Impressão), bem como o uso de empréstimos da língua portuguesa no idioma Kulina.

5- TEMAS ABORDADOSORTOGRAFIA E CALIGRAFIA

Abel Kanaú

O uso de ortografias diferenciadas entre si, empregadas simultaneamente pelo SIL e MNT, trouxe consigo um problema delicado para as escolas Kulina e, portanto, um dos temas à ser abordado durante o curso de formação de monitores. Para solucionar esse problema teríamos duas vias: O material pedagógico doravante teria de ser produzido nas duas ortografias, e isso implicaria em legitimar um erro técnico de linguística (duas ortografias para um mesmo idioma) ou, em segunda instância, entrarmos num consenso com os já alfabetizados e adotarmos uma única ortografia.

O que para nós, assessores, constituía um problema crucial, foi facilmente resolvido pelos participantes do curso que optaram pela adoção da ortografia do SIL, justificada pelo material já impresso pelo CIMI e SIL nessa ortografia e pelo fato de apenas uma escola estar sob a orientação da MNT.

Solucionada essa questão solicitei dos alunos que escrevessem um texto narrativo sobre o funcionamento da escola de sua comunidade. Além de colher dados sobre o funcionamento de cada escola, esse texto visava um levantamento das dificuldades ortográficas de cada aluno que serviriam como base de orientação dos temas que trataria na sequência.

Os textos produzidos revelaram problemas de mais variada ordem. Desde caligrafias ilegíveis, falta de domínio na segmentação das palavras, uso indevido de pontuação até a falta de emprêgo das letras maiúsculas. Essas ocorrências evidenciavam o reflexo das experiências assistemáticas com escola entre os Kulina.

Um treinamento de caligrafia, ensinando "o caminho de cada letra", para a letra de forma e a cursiva, foi o trabalho que norteou as aulas seguintes, alternadas com produção de textos. Depois dessa primeira etapa foi possível discutirmos a segmentação das palavras, pontuação, emprego de letras maiúsculas, regras ortográficas e a



adoção de empréstimos da língua portuguesa no idioma Kulina.

Encerrado esse tema os alunos fizeram uma reflexão sobre a escola na língua materna e a escola na língua nacional, onde evidenciou-se mais uma vez a importância da alfabetização na língua materna para grupos étnicos que a empregam como primeira língua. Frases dessa análise aparecem destacadas no final deste relato.

### CONCLUSÃO

Para os Kulina ficou clara a necessidade da escrita como uma conquista a mais dentro do processo de auto-determinação. E o desenvolvimento dos temas aqui expostos propiciou aos futuros monitores a oportunidade de pensarem sua língua gramaticalmente, superando assim a concepção de que falam uma "gíria" de sons aglutinados sem sentido, taxados pejorativamente pelos regionais não-índios como "fala ruim". Por outro lado, os reflexos desse primeiro curso somente poderemos avaliar no emprego, pelos monitores, dos conteúdos apreendidos durante o curso nas suas respectivas comunidades onde atuarão à seguir.

### A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA PARA OS KULINA

- Escola icca ima bica teni jine. Pina ibodi nabato inani jine.

'A escola serve para melhorarmos a nossa caminhada. Serve para ampliarmos nossos conhecimentos.' (Esohui Kulina)

- Carihuacca iattadsapi carihua etti qqui nani nehuato inani huajine.

'Aprendendo o português aprendemos também a ler o que os brancos escreverem' (Teroso Kulina)

- Escola anidsapi madija tabuattamanadsapa peccadani bojasa motodaa da quenajari cariadani pina ia camahidsahi neppine.

'Os Kulina aprendendo através da escola podem entregar sua borracha sem serem enganados pelos brancos' (Noba Kulina)

-Jattadsapi icca huima itesse huaji tahicca iadsa bacce nahi jine.

'Aprendendo a escrito podemos nos comunicar com os parentes distantes' (Isamani Kulina)

- Escola anini tohui nadsapa occa madija mari ocanabaquihi jine onajarode.

'Tendo escola eu posso ensinar meu povo' (Rijo Kulina)

Tradução: Abel Kanaú

## PROGRAMA DE MATEMÁTICA

Rubens Monteiro

### 1- Sistemas de quantidade

- .Convenção para as quantidades
- .Idéia de conjunto X quantidade
- .Idéia de conjunto X zero (0)

### 2- Sistema decimal

- .Formação do sistema decimal
- .Ordem crescente
- .Ordem decrescente
- .Idéia de conjunto X formação do sistema decimal

### 3- Números - Exercícios de fixação

### 4- Adição de conjuntos

- Noções de quantidade: Maior e menor
- Noções de uso da moeda nacional
- O comércio: Exercícios práticos

### 5- Subtração

- .Subtração X conjunto
- .Noção de quantidade
- .Noção de uso do dinheiro
- .Comércio - exercícios práticos

### 6- Uso da balança

- .Técnicas de pesagem
- .Noções de quantidade
- .Exercícios práticos

## LEGISLAÇÃO E ESTRUTURA SÓCIO-POLÍTICA DO BRASIL

Roberto Zwetsch

### 1. A sociedade do branco

As diferenças em relação à soc. indígena.

A demografia.

A divisão em classes sociais. A pirâmide social.

As instituições: Governo e Exército.

### 2. O governo do branco

Os três poderes-Executivo, legislativo e judiciário.

As leis. O art. 198 da constituição federal.

A lei 6001 - Estatuto do Índio. A FUNAI

A demarcação das terras

### 3. Art. 198 - Versão simplificada e tradução para o idioma Kulina

### 4. Lei 6001

Estudos de vários artigos importantes: 1,2,3,5,6,7,19,25,34,  
47 e 55

Textos sobre a vida Kulina e o encontro com o branco.

### 5. Entidades de apoio e organização indígena: CIMI, IECLB, CPI-AC, Coordenadoria de Assuntos Indígenas do Estado do Acre, SIL, MNT ( em aparte, como instituições com outra estratégia), FUNAI, como órgão do governo, UNI - Histórico e situação atual

Representantes indígenas  
Assembléias Indígenas

## NOÇÕES DE SAÚDE E HIGIENE

Lori Altmann

O estado geral de saúde dos povos indígenas no momento do contato com o colonizador branco, em geral, é considerado bom. O processo de perda da qualidade de vida e de saúde acontece no período posterior ao contato. Isso se dá pelos seguintes motivos básicos:

1. A transmissão de doenças contagiosas para os quais o seu organismo não tinha imunidade.

2. A desestruturação e desorganização do sistema de produção interna do grupo pela depopulação.

3. A conseqüente dependência econômica em relação à sociedade dominante.

4. A perda da auto-estima e da vontade de viver provocada pela violência com que se deu o contato.

A maior parte das sociedades indígenas caçadoras e/ou coletoras possui hábitos de vida nômade ou semi-nômade em pequenos grupos familiares ou clânicos, utilizando uma extensa área de perambulação. Com o contato e todas as suas conseqüências, a maior parte delas passa a ser sedentárias e a formar concentrações populacionais maiores. Por outro lado a diminuição e as vezes perda total de suas terras faz com que não obtenham mais os alimentos necessários para a sua subsistência e passem a adquirir alimentos industrializados.

Como conseqüência ocorre:

1. A redução da área de cultivo;
2. A escassez dos produtos de caça, pesca e coleta na área próxima da aldeia;
3. O aumento da taxa de contaminação na área favorecendo a proliferação de doenças contagiosas e a maior incidência de verminose. Por outro lado, os povos indígenas em geral, com o contato, alteram muitos dos seus hábitos de higiene tradicional, o que dificilmente é substituído pelo equivalente da cultura a ser assimilada (Ex: com a roupa nem sempre entra o sabão; com a introdução de criação de animais domésticos nem sempre entra o uso de cercas etc.).

Por ser um grupo caçador e coletor a história de contato do povo Kulina não foi diferente da de outros povos.

Baseados na convivência com o povo Kulina e na sua história, elencamos as seguintes temas na área de saúde:

- Saúde do corpo
- Partes do corpo humano (nomenclatura em Kulina)
- Noções de higiene da casa e da aldeia conforme a realidade de cada região:
  - a. Criação de animais domésticos;
  - b. Limpeza da casa e do pátio;
  - c. Fontes onde se busca água;
  - d. Locais onde se defeca.
- Alimentação da comunidade: Produção de textos sobre a alimentação de sua aldeia (roçados, coleta, caça e pesca).
- Diferentes alimentos dos brancos: Alimentos naturais X alimentos industrializados.
- Terra e saúde.
  - Necessidade de:
    - a. lutar por uma terra ampla para ter roçados grandes, muita caça e coleta;
    - b. Proibir a pesca e a caça por elementos não-Índios para fins comerciais.
    - c. Impedir a derrubada da mata por madeireiros e fazendeiros.

O tema foi abordado de forma dialogada, parte em Kulina e par-

to em português dentro das possibilidades do assessor. Os textos foram produzidos em Kulina, sempre cada monitor se referindo à sua própria realidade.

Para ilustrar certos itens houve o relato por parte dos monitores de vários episódios, entre os quais:

- A prisão de madeira extraída por um madeireiro na área indígena do alto Purus.
- Experiência de auto-demarcação da área do alto Purus pelos Kulina e Kaxineuá.
- Saque e derrubada do barracão de seringal instalado na área do Igarapé Preto, Médio Juruá-AM.

O que ocupou a maior parte do tempo de reflexão entre os monitores foi a importância na demarcação de suas terras e na defesa de seus recursos materiais para a garantia da sobrevivência de seu povo e o compromisso de apoio de todos os Kulina nesta luta comum.

## NOÇÕES DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

Abel Kansú

O tema foi abordado à partir dos povos pré-colombianos dando em seguida uma visão geral dos povos indígenas que viviam na costa brasileira. A chegada dos portugueses e a desestruturação das populações indígenas com os massacres, epidemias e ciclos econômicos foi tratado tendo como referencial ilustrativo a história do extrativismo regional. Esses temas foram ilustrados com mapas hidrográfico, localizando as aldeias Kulina do Perú, Acre e Amazonas, mapa do Brasil com a divisão política chamando a atenção para o que é Estado, cidade e capital. Abordei a construção das rodovias BR-364 e AC-90 (Tracacraena) com suas futuras consequências e os grandes projetos econômicos para a região.

## Noções de etno-história regional

Fátima Almeida

No início das discussões exercitamos as idéias/associações em cima do assunto matéria-prima X instrumento de trabalho. Daí discutiu-se a borracha, enquanto matéria-prima usada pela sociedade industrializada e enquanto "barco" histórico, na medida em que a partir de seu descobrimento e uso o rumo da história dos grupos tribais mudou de direção.

Apartir daí foi possível abordar o contato dos grupos étnicos regionais com os extratores de látex para finalmente discutirmos o sistema econômico da empresa seringalista.

## 16- ATIVIDADES EXTRA-CURRICULARES

Além das disciplinas propriamente ditas, procurou-se oferecer programas e atividades que possibilitassem aos monitores ampliar seus conhecimentos sobre a realidade de outros povos indígenas e sobre a nossa sociedade.

1- Slides e audio-visual: Foram projetados e comentados slides do povo Kulina, principalmente do alto Purus e do vale do Juruá, visando sobre as suas festas, lutas e conquistas e atividades do cotidiano.

Audio-visual: O Índio nesse Aruã na luta e na esperança-CIMI Norte I.

As onças e os gatos - Centro de Defesa dos Direitos humanos

Amarônia Vendida

Assembléias Indígenas

2- Filmes: Com o apoio da Fundação Cultural do Estado do Acre, projetou-se diversos filmes sobre outros povos indígenas. Foram momentos muito ricos de comentários e comparações com a própria realidade Kulina e a de outros povos e suas culturas. Estes filmes foram: Pankararu, Guarani, Kuarup, Noel Nutels e A boa Nota para os Povos Indígenas.

3- Passeios: Foram feitos dois passeios durante o curso. O primeiro à uma mini-usina de produção de borracha. Foi de grande interesse para os monitores, já que a maioria deles têm na extração de seringa a sua principal atividade econômica; a segunda foi ao município de Senador Guionard, onde visitaram uma granja de galinhas em grande escala e tiveram assim a oportunidade de ver in loco um exemplo de comércio em larga escala.

4- Visita da UNI - Foi previsto durante o curso um tempo à disposição dos membros da UNI (União das Nações Indígenas) regional. Compareceram, além dos coordenadores, Biraci Brasil e Antonio Apurinã, Rivaldo Apurinã, sub-delegado

da FUNAI e vários estudantes indígenas de Rio Branco, foi explicado os objetivos e o funcionamento da UNI e pediu-se que os Kulina colocassem as dificuldades e necessidades de suas respectivas aldeias. Alguns monitores falaram em português, outros preferiram falar em Kulina usando intérprete. Em todas as colocações foi salientada a necessidade de demarcação de suas terras. No final Rivaldo solicitou que os monitores elencassem necessidades sentidas em suas aldeias, o que foi feito e anotado por ele. Pela parte da tarde realizou-se um jogo de futebol entre os representantes da UNI e os monitores, o que auxiliou no maior entrosamento entre eles.

5- Lazer: Diariamente depois do encerramento das aulas os monitores jogavam futebol num campo próximo e nas horas vagas aproveitavam para tomar banho no rio Ahunã.

#### 7- SERVIÇOS PRESTADOS DURANTE O CURSO

- 1- Atendimento dentário: Conseguiu-se atendimento odontológico para os monitores no local do curso.
- 2- Atendimento de saúde: Os problemas de saúde que surgiram durante o curso foram encaminhados à um médico local.
- 3- Emissão de certidões de nascimento - A documentação é sempre uma necessidade sentida por todos os índios em contato com a sociedade nacional. O CIMI solicitou o deslocamento de uma funcionária da FUNAI, responsável pela documentação dos índios, no local do curso para essa tarefa.

## aL PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO

Uma das proposições do I Curso de Formação de Monitores Kulina era a de, junto com os alunos, elaborar um material de apoio baseado nas necessidades por eles levantadas durante o curso ou trazidas das escolas de suas respectivas aldeias. Dessa forma partimos das correções da cartilha anterior - Icca Huahua - já em uso nas escolas Kulina desde 1984, e que apresentava alguns erros ortográficos além de termos que não correspondiam à realidade linguística dos dois dialetos e sugerimos aos monitores que reformulassem essa cartilha adaptando-a, na medida do possível, com termos que abrangessem o dialeto de Puruc e o de Jusué. Isso também por ser, essa cartilha, de fácil manuseio e um material já de conhecimento dos monitores.

Na sequência, os monitores escolheram as novas palavras e frases que comporiam a cartilha e fizeram as ilustrações e correções finais.

Um segundo material didático foi montado à partir de textos produzidos na escola da aldeia Porto Velho constando de mitos e textos do cotidiano da aldeia e suas conquistas no tocante à preservação da área. Outros textos e ilustrações produzidos durante o curso serviram de material de apoio para futuras publicações.



## 9- CONTINUIDADE

### Compromissos dos monitores

- Fazer reunião periódica com a comunidade para combinarem o funcionamento da escola.
- Dar continuidade ao trabalho escolar com dedicação e assiduidade.
- Voltar para o próximo curso trazendo textos e desenhos produzidos nas escolas.

### Compromissos dos assessores

- Assessorar os monitores diretamente nas respectivas escolas através de duas visitas anuais, no mínimo.
- Organizar e encaminhar a publicação de material didático.
- Preparar e realizar um curso anual para monitores num processo constante de reciclagem e troca de conhecimento entre os monitores.
- Apoiar e encaminhar a reivindicação dos monitores Kulina referentes à remuneração pelo seu trabalho na escola.

## 10-AVALIAÇÃO DOS MONITORES

- Houve crítica sobre o pouco tempo dedicado à matemática.

- Reclamaram o fato deste curso não ter já introduzido o português, o que consideram urgente, não para o ensino das crianças mas para o contato dos monitores com a sociedade nacional.

- Achem importante que a alfabetização seja na língua materna, já que as crianças não falam o português, mas reivindicam o ensino de português, especialmente oral, para os adultos.

- Defendem que cada aldeia procurasse produzir seu próprio material didático para salvaguardar as diferenças dialetais.

- Insistem na importância de monitores Kulina, já que estes vivem na aldeia e não ausentam-se por tanto tempo e tampouco deixam a aldeia depois de um certo período, fato que ocorre quando o agente de alfabetização é não-índio.

- Reivindicam salários para garantir a frequência e a continuidade das aulas. Sem a remuneração os monitores precisariam se dedicar à extração de seringa ou outras atividades econômicas para manter su as famílias, interrompendo dessa forma as atividades na escola.

- Criticaram as correções de textos para publicação que tomaram muito tempo do curso. Sugeriram que essa tarefa fosse feita posteriormente.

## 27- AVALIAÇÃO DOS ASSESSORES

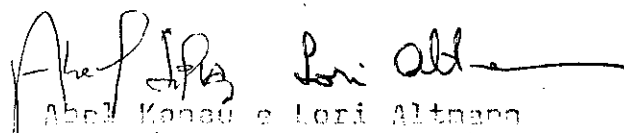
- 1- O tempo foi pouco para as muitas expectativas dos monitores. A pressão exercida pelo contato pôs-os na eminência de assimilarem novos conteúdos dessa realidade com certa urgência. Isso levou a que houvesse uma sobrecarga de informações.
- 2- Havia um desnível entre os participantes em termos de conhecimento. Esse problema, no caso da matemática, foi solucionado dividindo os monitores em duas turmas, assessoradas por mais de um elemento simultaneamente.
- 3- Foi oportuna a participação de Cabana Kulina, de aldeia San Bernardo-Perú, com longa experiência em educação e por ser um elemento do povo Kulina e, portanto, falante desse idioma, teve maior acesso aos monitores facilitando a aprendizagem. Esse foi um dos motivos que levou-nos a decidir, junto com os monitores que ele seria convidado para o próximo curso na qualidade de assessor.
- 4- Sentimos falta de uma assessoria técnica mais especializada, em temas específicos como matemática e técnicas pedagógicas.
- 5- Por ser o 1º curso com Kulina de diferentes aldeias não foi possível tomarmos conhecimento prévio do nível de domínio escolar de cada participante. Isso dificultou a montagem do programa do curso. Decidiu-se no final do curso fazer com os alunos um elenco das necessidades mais urgentes a serem tratadas no próximo curso.
- 6- Sentiu-se necessidade de uma maior coordenação dos trabalhos, um interrelacionamento maior entre as diversas disciplinas. Isso ocorreu pelo pouco preparo em conjunto anterior ao curso. Diante disso optou-se por prever-se um período de preparação entre os assessores alguns dias antes do próximo curso.
- 7- Faltou avaliação mais periódica durante o curso, entre os assessores e entre monitores e assessores.
- 8- Aproveitou-se pouco da oportunidade para um levantamento entre os monitores sobre os problemas de suas comunidades.
- 9- Os compromissos extra-curso dos assessores prejudicaram o andamento coordenado do curso. Para o próximo curso solicitou-se que os as-

sessores se liberassem totalmente para o mesmo.

10- Os compromissos assumidos pelos assessores logo após o curso também dificultaram a organização do material produzido no curso para posterior publicação. Para o próximo curso pretende-se reservar o período pós-curso para a produção de material didático com o auxílio de alguns monitores que permanecerão em Rio Branco para esta tarefa.

11- Para o próximo curso usar mais material coletado nas escolas ( gravações, desenhos, mitos e histórias).

Avaliando a importância deste I Curso para formação de monitores concluiu-se que está dado apenas o primeiro passo dentro desse processo. Para os monitores, a continuidade de aprendizado é evidenciada na medida que no curso ele descobriu a possibilidade de, através de escola, relacionar-se com o mundo exterior da aldeia de maneira menos prejudicial.

  
 Abel Kossou e Lori Altmann  
 P/ Setor de Educação  
 CIMI-REGIONAL ACRE

CURSO DE FORMAÇÃO DE MONITORES PARA ALFABETIZAÇÃO EM LÍNGUA KULINA

DATA: 23/11/85 a 23/12/85

LOCAL: PLÁCIDO DE CASTRO - ACRE

NOME DO MONITOR	PROCEDÊNCIA	PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO
1 Cabama	San Bernardo - Alto Purus Peru -	Alfabetizado pelo SIL (1968). A escola conta com 50 alunos. Funciona em um turno. Leciona junto com Bacco. Bacco com as crianças. Siara com os adultos.
2 Tinija	Ig. Baú - Juruá Amazonas	Ainda não tem escola. Nunca deu aula. Aprendeu nas passagens pelo Penedo (MNT) e concluiu no Igarapé Preto. (CIMI)
3 Dojo	Rio Eiru - Juruá Amazonas	Não tem escola. Nunca deu aula. Aprendeu sozinho. Concluiu no Ig. Preto.
4 Cosohui	Ig. Preto - Juruá Amazonas	Aprendeu um pouco com vários professores e terminou no Igarapé Preto.
5 Toroso	Ig. Preto - Juruá Amazonas	Aprendeu com os americanos da MNT no Igarapé Penedo. Concluiu no Igarapé Preto.
6 Teneti	Ig. Iari - Juruá Amazonas	Tem 12 alunos. Primeiro estudou no cacau com Adauto (brasileiro) em português. Depois com os americanos da MNT no Penedo.
7 Ahuano	Alto Purus - Acre Maronaua	É professor há um ano, de crianças. Tem 15 alunos. Foi aluno de Giovanni e Lurdes (TVC, CIMI). Depois com Roberto (IECLB).
8 Mapi	Alto Purus - Santo Amaro ACRE	É professor há 2 anos. Só dá aula para as mulheres. 20 pessoas. Aprendeu com Miá.

NOME DO MONITOR	PROCEDÊNCIA	PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO
9 Mia	Alto Purus - Santo Amaro Acre	Foi aluno de João Pedro. Bilingüe. Depois com Paulo, não índio. Após Aparecida, não índia. Deu aula um mês. Depois com Rosa (OPAN). Já foi contratado pelo PROBOR.
10 Dsodse	Alto Purus - Santa Júlia Acre	Já tem escola, mas nunca deu aula. Foi alfabetizado por João Pedro em Culina e português. Depois Paulo, Aparecida, Siara e Roberto em português.
11 Noba	Alto Purus - Sobral Acre	Ainda não tem escola. Já foi professor em Maro naua durante 3 anos. Primeiro foi alfabetizado por Siara depois Tereza (TVC/CIMI), depois com Roberto (IECLB) em português.
12 Isamani	Rio Envira - Igarapé do Anjo Acre	Foi iniciado por Giovanni (TVC/CIMI), depois Kanau. Tem 12 alunos, crianças e adolescentes.
13 Rijo	Cacau - Amazonas	Tem escola com 46 alunos (adultos e crianças). Alfabetizado por Aquí de San Jerardo, depois estudou com Adauto.
14 Huarama	Cacau - Amazonas	Foi aluno da Adauto em português, depois Leca Mobral) e depois Francisco Alves da Silva (Prefeitura). 34 alunos, crianças.

TVC - Organização de leigos italianos

CIMI- Conselho Indigenista, Missionário

OPAN - Operação Anchieta

IECLB - Igreja de confissão Lutera do Brasil

MNT - Missões Novas Tribos

SIL - Instituto Linguístico de Verão

Opiniões dos Kulina que participaram do 1º Curso para Monitores  
Kulina (nov-dez/85) sobre a Escola

"Escola icca ima bica tani jine. Pina ibodi nahato inani jine."

(A escola serve para melhorarmos a nossa caminhada. Serve para ampliar nossos conhecimentos).

Cosohui Kulina - Igarapé Preto - Juruá

"Caribuacca iattadsapi carihua etti qqui nani nahuato inani  
huajino."

(Aprendendo o português aprendemos também a ler o que os brancos escrevem).

Toroso Kulina - Igarapé Preto - Juruá

"Escola anidapi madija tohuattamanadsapa poccadeni bojasa  
motodsa da quenajari cariadeni pina ia camahidsahi noppine."

(Os Kulina aprendendo através da escola podem entregar sua  
barracha sem ser enganados pelos brancos).

Hoba Kulina - Aldeia Sobral - Purus

"Iattadsapi icca huira itesse huaji tahicca iadsa bacco nahi  
jine."

(Aprendendo a escrita podemos nos comunicar com os parentes  
distantes).

Isamani Kulina - Igarapé do Anjo - Rio Envira

"Escola anini tohui nadsapa oca andija mari ocanabaqquihi  
jine onajarode."

(Tendo escola eu posso ensinar ao povo).

Rijo Kulina - Aldeia Cacau - Rio Tarauacá

Escola cca ima

Taidepi ettidsa iattapodsapi icca  
 ima dsodo inasi jine itessedaa  
 Teca amonejedsa icca ima dsodo inadsa  
 da inasi jine. Fluaji tabidsa inecote  
 madidsa naco potnadsa icca ima dsodo  
 inajaro. Tattedsa naqui icca madi  
 jacca ejedesi toqnehetterahi jine.  
 Matematica naqui iattadsapi caria  
 ia canaidsa jarahi jine. Teca husehe  
 aba naco da inadsa barozadsa ipena  
 dsodo inajaro. Dsiniro naqui iatta  
 ni jine. Ja debe inadsa naqui caria  
 dra icca conta paga inahi jine.

Ohua oni Cabana



Queremos aprender a escrever primeiro em nossa língua para comunicarmo-nos com nossos parentes. Assim podemos nos comunicar (à distância) com nossas esposas.

A escrita na língua Kulina favorece a comunicação com nossos parentes distantes e aprendendo dessa forma podemos ensinar nossas crianças. O aprendizado da matemática ajuda-nos a não sermos enganados pelos brancos. Assim os produtos da pesca podem ser pesados e vendidos corretamente.

A escola serve também para termos o domínio sobre o uso do dinheiro. Quando estamos em débito com os brancos podemos fazer o cálculo e pagá-los corretamente.

Cabama Kulina

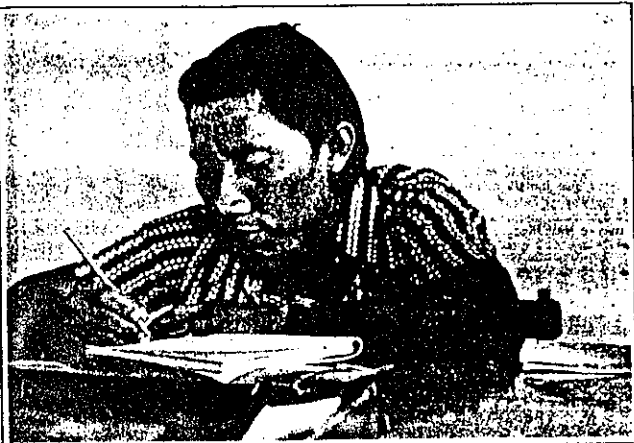
Tradução: Abel O. Silva ( Kanau )

# O FASCINANTE MUNDO DE NOSSOS INDIOS KULINA E SUA LUTA COTIDIANA

Atendendo reivindicação de todos os grupos Kulina da região, o Conselho Indigenista Missionário organizou o I Curso para Monitores na língua, que está sendo realizado desde o dia 24 de novembro em Plácido de Castro, contando com a participação de 14 monitores de 8 aldeias Kulinas do Acre, Amazonas e de São Bernardo -

Feru. Além da equipe do CIMI que trabalha diretamente nas áreas Kulinas, o curso conta com a colaboração de Abel O. Silva (Kanamú), da Coordenadoria de Assuntos Indígenas do Estado; Ruth Montserrat, lingüista da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Fátima de Almeida, licenciada em História pela UFAC.

Texto de ANIBAL DINIZ



Tereza Kulina: aprendendo para não ser enganado pelos brancos



A inteligência dos nossos índios é reconhecida pelo CIMI

Fabreze no Kulina temha sido um grupo numeroso na antiguidade, hoje ele se encontra reduzido a apenas 1.300 indivíduos. Que conseguiram sobreviver aos massacres e epidemias que foram submetidos no século passado pelo colonizador branco. Seu contato com o colonizador se deu especialmente através da fronteira extrativista, que, primeiramente, os expulsou das terras e, posteriormente, os utilizou como meteiros, caçadores e mesmo como agricultores, quando é introduzida a transação comercial no seu interior.

No início, o comércio dos marretiros com os Kulina se dava muito por intermédio de troca, mas esse sempre saíram perdendo, tiveram que se sentir falta do conhecimento da escrita e do cálculo. Desde que começaram a se sentir enganados pelos brancos, os Kulina passaram a compreender que a escrita poderia auxiliá-los a encontrar seus produtos sem serem enganados. Atualmente, o comércio dos Kulina com os brancos ocorre, não só com a borracha, mas com o caucho, madeiras, produtos agrícolas, carne, peixe etc., dependendo da região em que a aldeia está localizada.

## OS KULINA E A ESCOLA

As experiências de escola entre os Kulina são as mais variadas possíveis. No Peru, há os dois estratos do IIL (Instituto de Lingüística) (1958), que criou a grafia Kulina e introduziu o castelhano. No Peru, Ido do Brasil, o padre Paulino, da Paróquia de São Nedelvíria, construiu duas escolas nas aldeias de Santo Amaro e Saranaua, a pedido dos índios (a partir de 1975), onde a alfabetização foi feita inicialmente na língua portuguesa e, posteriormente, na língua Kulina. No Juruá, as experiências de escolas foram: no Igarapé do Anjo (1978); no Cacau (escola ligada à Prefeitura - 1981-1983) com professor branco; no Plas, a escola foi bilíngue, com os Novos Tribos (1969) introduzindo uma nova grafia; no Ipitini, Igarapé Preto, escola bilíngue em 1981. Dentro da discussão de respeitar e valorizar a cultura e a língua dos povos indígenas, o CIMI passou a enfatizar a importância de alfabetizar na língua matér-

*Escola na ima  
Taidesi attidisa intapndasapi icca  
ima hodo imani jine...  
Dica amonegada icca ima hodo imani  
da imani jine. Kijaji tahicua imicete  
madicua maco potucada icca ima hodo  
de manari. Tattudasa naqui icca mah  
jacca ejedasi topuhettasahi jine.  
Kutemeticua naqui tattudasa caria  
ra caravida jisehi jine. Icca hucua  
aba maco da imaba baracatosa ifiana  
dua hodo imani. Imanis naqui tattudasa  
na jine. Da debe imania naqui caria  
dua icca caria paga imani jine.*

*Olhua omi Cabana*

Queremos aprender a escrever primeiro em nossa língua para comunicarmos com nossos parentes. Assim podemos nos comunicar (à distância) com nossos pais.

A escrita na língua Kulina favorece a comunicação com nossos parentes distantes e aprendendo dessa forma podemos ensinar nossos crianças.

O aprendizado da matemática ajuda-nos a não sermos enganados pelos brancos. Assim os produtos da pesca podem ser pesados e vendidos corretamente.

A escola serve também para termos o domínio sobre o uso do dinheiro.

Quando estamos em débito com os brancos podemos fazer o cálculo e pagá-los corretamente.

CARANA KULINA  
Tradução: ABEL O. SILVA (KANAMU)

aprendizagem, visto que os Kulina, especialmente as crianças, têm pouco domínio da língua portuguesa. Sobre a escrita em Kulina, Tamenai, Kulina do Igarapé do Anjo (Rio Sarica) escreve: "Tattudasa icca hodo imani..."

podemos nos comunicar com parentes distantes". Após a alfabetização na língua Kulina, a língua nacional será usada como segunda língua, na sua forma oral e escrita. Nos últimos anos, o trabalho na área de educação formal se deu basicamente na língua Kulina, nas al-

no. Isso veio, inclusive, a facilitar o processo de ensino do Alto Purus, Alto Envira e, mais recentemente, em aldeia no médio Juruá. Alfabetizados, primeiras contos, elaboração do material didático na língua Kulina e, com as 14 alfabetizados, o início da transição para a língua portuguesa, este tem sido o esquema básico do processo.

Este processo educativo tem por objetivo preparar as próprias comunidades para se autodeterminarem em todos os sentidos: no político, no econômico e no cultural. Depois de um longo período em que o trabalho se deu sem muita articulação entre as aldeias, os resultados satisfatórios, viu-se a necessidade e o interesse das próprias comunidades, e o interesse das próprias comunidades saíram a tona. Daí a preocupação em formar monitores Kulina. No seu III encontro de Ilustrações, realizando um curso de preparação para monitores Kulina que já estivessem trabalhando nas escolas ou que fossem trabalhar a partir de então.

O CIMI aceitou esta reivindicação e passou a organizar o curso que ora se realiza. Os monitores foram escolhidos por suas respectivas comunidades. Dos 14 monitores que participam do curso, alguns já atuam na aldeia, mas remunerados e de forma não sistemática, o que implicava na não continuidade das atividades escolares e uma intensa rotatividade dentro dessa função, pois os professores procuravam ainda trabalhar para sustentar suas famílias. Outra dificuldade apontada é a falta de diversas instituições atuantes nas aldeias. Além do CIMI e da UACA, por exemplo, outras instituições como a missão Nova Tribos, no Juruá e o Summer Institute of Linguistics, no Peru atuam nas áreas, ocorrendo constantes mudanças dos agentes.

Na lista dessas dificuldades e necessidades, o 1º curso de formação de monitores de alfabetização em língua Kulina tem um programa com as seguintes tarefas:

- 1) unificação da ortografia;
- 2) uso uniformizado da linguagem;
- 3) conhecimento básico de escrita (operações bá-



As mulheres voltam do roçado



Os índios participam dos problemas da comunidade

- 4) Técnicas pedagógicas;
- 5) Produção do material a ser adotado nas escolas;
- 6) Geografia e história regional;
- 7) Noções básicas de saúde;
- 8) Conhecimento do estatuto do índio (Lei 4001) e da estrutura sócio-política brasileira.

Alcançados os objetivos desse primeiro curso, a etapa seguinte pretende ser a transição para o bilíngüismo, compreendido aqui como a introdução da língua nacional nas escolas Kulina.

Tereza Kulina, confirmando a necessidade e o seu desejo de aprender o português para melhor se relacionar com a sociedade nacional e defenderem seus direitos diz: "Caribocua tattudasa carihua etti qui nani huboto imani hujini". (aprendendo o português, aprendemos também a que o branco escreve).

O primeiro curso de alfabetização na língua Kulina se estenderá até o próximo dia 27, data em que todos os monitores regressarão para suas aldeias de origem.



Reunião comunitária dos Kulina